

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**A REPORTAGEM RELATADA: COMO A REPORTAGEM É
CARACTERIZADA POR QUEM A FAZ**

Bolsista: Yasmin Ribeiro Gatto Cardoso, Fapeam.

PARINTINS
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-SA/0050/2012

A REPORTAGEM RELATADA: COMO A REPORTAGEM É
CARACTERIZADA POR QUEM A FAZ

Bolsista: Yasmin Ribeiro Gatto Cardoso, FAPEAM

Orientador: Prof. Dr. Antônio Heriberto Catalão Júnior

PARINTINS
2013

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas – Fapeam, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas.

RESUMO

Este trabalho é resultado final da pesquisa, cujo objetivo geral é verificar como a prática de reportagem é caracterizada em elementos paratextuais de livros-reportagem publicados no Brasil. O referencial teórico-metodológico é estabelecido por meio dos estudos do russo Mikhail Bakhtin que entende a linguagem como dialógica, onde os sujeitos, ao produzirem enunciados estão sempre reproduzindo discursos anteriores e formando novos enunciados. O livro-reportagem é entendido como um gênero do discurso, assumindo a perspectiva de Catalão Jr., (2010), que considera os livros-reportagem como um tipo relativamente estável de enunciado, elaborado em um campo específico da comunicação discursiva, que é o jornalístico. Os enunciados típicos são produzidos mediante trabalhos de reportagem e depois difundidos em livros. O conceito de paratextos é dado por Genette (1987) apud Alvarado (1994). O *corpus* é constituído por quinze livros-reportagem, a pesquisa não é feita nos textos dos livros propriamente dito, mas sim, nos elementos paratextuais definidos: notas; agradecimentos; introduções; epílogos; orelhas de livro, apresentações, prefácios, posfácios e contracapa. O trabalho é dividido em quatro partes, a primeira é a seleção desses elementos nos livros, a segunda é a análise e classificação, a seguir parte-se para a verificação dos critérios que o jornalista usa para escolher seu tema e como elabora e constrói o conhecimento acerca do assunto trabalhado. A última e quarta etapa é a identificação do relato do processo de interação fonte - jornalista e a verificação do estatuto epistemológico que o jornalista atribui à própria prática.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Paratextos; Dialogismo; Prática de reportagem.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| Capítulo 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA | 8 |
| 1.1 Paratexto | 8 |
| 1.2 O livro-reportagem como gênero do discurso | 9 |
| 1.3 Dialogismo | 12 |
| 1.3.1 Conceitos de dialogismo | 16 |
| 1.3.2 Dialogismo como princípio constitutivo da pesquisa | 16 |
| RESULTADOS E DISCUSSÕES | 18 |
| Capítulo 2 –Critérios para a escolha do tema | 18 |
| 2.1 A escolha do tema por meio de um trabalho de reportagem | 18 |
| 2.2 A escolha do tema por meio de motivação histórica e política | 21 |
| 2.3 Escolha do tema com base em depoimentos coletados e pedidos específicos | 23 |
| Capítulo 3 – Identificação da elaboração, construção e aprofundamento do tema | 25 |
| Capítulo 4 – Relato do processo de interação jornalista – fontes de informação | 31 |
| Capítulo 5 –Estatuto epistemológico atribuído ao trabalho de reportagem | 36 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 44 |
| REFERÊNCIAS | 46 |
| REFERÊNCIAS DO <i>CORPUS</i> | 47 |
| CRONOGRAMA | 49 |

Introdução

Este projeto propõe uma pesquisa sobre a prática de reportagem, tal como ela é caracterizada em paratextos de um conjunto de livros-reportagem publicados no Brasil. A proposta pretende contribuir para uma compreensão mais ampla da prática de reportagem, tal como ela é caracterizada por quem a realiza, ou seja, os próprios autores de livros-reportagem e/ou eventuais comentadores de seus trabalhos (a maioria dos quais, também repórteres).

Dado o objetivo geral da pesquisa, teve-se também como objetivos específicos, verificar quais critérios o repórter usa para escolher seu tema; identificar como o autor elabora, constrói e aprofunda seu conhecimento sobre o assunto trabalhado; identificar como o jornalista relata seu processo de interação com as fontes de informação e verificar o estatuto epistemológico que o jornalista atribui ao trabalho de reportagem.

Esta busca foi feita conceituando-se o livro-reportagem como um gênero do discurso jornalístico, cujos enunciados típicos são elaborados por meio de trabalhos de reportagem que se materializam e são difundidos em livros (CATALÃO JR, 2010). Tal conceituação enfatiza a prática de reportagem, o trabalho do repórter, como o principal, embora não exclusivo elemento a definir o gênero e seus respectivos enunciados.

Nos enunciados típicos do gênero livro-reportagem, é comum a utilização de paratextos para relatar e/ou comentar o processo de trabalho que deu origem ao texto publicado. E foi dentro desses elementos que se buscou essa caracterização da prática de reportagem.

A noção de paratexto que foi utilizada é apresentada por Alvarado (1994, p.2) nos seguintes termos: “é o que faz com que o texto se transforme em livro e, como tal, se propõe aos seus leitores e ao público em geral (...)”. Os paratextos podem ser introduções, apresentações, prefácios, agradecimentos, explicações, pós-fácios ou prólogos, dentre outros.

Além da noção de que cada livro-reportagem é um enunciado, assumimos também a perspectiva teórico-metodológica proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin, que trabalha com o pressuposto que o dialogismo é constitutivo da linguagem, sendo assim, toda língua se apóia no diálogo, nas relações sociais de comunicação, de debate, e em toda forma de interação social como princípio constitutivo do enunciado.

Conforme Bakhtin (1988), tudo que falamos é baseado em um discurso anterior com o qual estabelecemos, assim, uma relação dialógica. Deste modo, pretendeu-se verificar quais discursos influenciaram o/os autor (es) dos livros-reportagem a fazer determinada construção. A pesquisa também visou contribuir com o entendimento e compreensão da produção de livros-reportagem, que hoje, é um gênero emergente no país¹, mas ainda é pouco estudado, proporcionando certo pioneirismo, pois não se conhece a descrição da prática de reportagem feita a partir da análise de paratextos elaborados pelos próprios autores.

A primeira etapa deste estudo é a fundamentação teórica dos principais conceitos utilizados como “dialogismo”, “livros-reportagem” como “gênero do discurso” e “paratextos”, cujos teóricos utilizados são respectivamente: (BAKHTIN, 2003; [VOLOCHÍNOV] 2006) e (FIORIN, 2008); (CATALÃO JR., 2010) e (ALVARADO, 1994). Apresenta-se também a descrição metodológica que foi feita ao longo da pesquisa e a análise do corpus, visando à localização de quais elementos paratextuais vão estar presentes em cada enunciado.

O *corpus* do trabalho é formado por quinze livros-reportagem: “Rota 66” – Caco Barcellos; “Abusado”: o dono do Morro Dona Marta – Caco Barcellos; “Mauá”: empresário do império – Jorge Caldeira; “A sangue frio” – Truman Capote; “Notícia de um sequestro” – Gabriel García Márquez; “A ditadura envergonhada” – Elio Gaspari; “A ditadura escancarada” – Elio Gaspari; “Hiroshima” – John Hersey; “No ar rarefeito”: um relato de tragédia no Everest em 1996 – Jon Krakauer; “Na natureza selvagem” – Jon Krakauer; “O super-homem vai ao supermercado”: convenções políticas – Norman Mailer; “Olga” – Fernando Morais; “Chico Mendes: crime e castigo”: quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta – Zuenir Ventura; “1968”: o ano que não terminou – Zuenir Ventura; “A primavera do Dragão”: a juventude de Glauber Rocha – Nelson Motta.

¹Conforme a pesquisa realizada por Catalão Jr em: (Jornalismo Best-Seller: O Livro-Reportagem no Brasil Contemporâneo, 2010).

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A pesquisa buscou fazer uma caracterização da prática de reportagem, da forma como ela é descrita em elementos paratextuais de livros-reportagem publicados no Brasil, partindo de uma perspectiva linguística e dialógica. Dito isso, faz-se necessário definir os três conceitos mais importantes utilizados.

1.1 Paratexto

O corpus desta pesquisa é constituído por um conjunto de elementos paratextuais (paratextos) presentes em vinte livros-reportagem publicados no Brasil, que serão apresentados mais adiante. Para tanto, utiliza-se a noção de “paratexto” apresentada por Alvarado (1994), conforme diz que o paratexto é basicamente um discurso auxiliar, servindo ao texto, é a sua razão de ser². Neste sentido,

“Podem ser: tabelas, capas, contracapas, pictogramas, ideogramas, imagens, o projeto gráfico, título, dedicatória, epígrafe, epílogo, prólogo, índice, notas, bibliografias, glossário e apêndice” (ALVARADO, 1994).

Genette (1987) diz que o paratexto é o que faz com que o texto torne-se livro. Etimologicamente, "paratexto" seria em torno de texto ou de acompanhamento (para = o lado). São elementos que não fazem parte do texto propriamente dito, mas que de alguma maneira integram-no.

Os elementos paratextuais, em grande parte também cumprem uma função de reforço que tendem a compensar a ausência do contexto partilhado por emissor e receptor. É onde o autor geralmente coloca informações acerca do trabalho desenvolvido, é onde ele expõe para o leitor sua vontade discursiva, ou seja, o que Bakhtin chama de “projeto do discurso”.

No caso da pesquisa, buscaremos dentro destes elementos informações necessárias para o entendimento do processo de elaboração da reportagens escritas pelos próprios jornalistas e/ou eventuais comentadores que, invariavelmente, também são repórteres.

² Conforme explica a autora, sua caracterização é baseada em conceito proposto por Gerard Genette (*Seuil*, Paris, Ed. Seuil, 1987).

É válido dizer que a categoria de paratexto é bastante ampla, mas Alvarado (1994) classifica em apenas dois grupos que são os elementos paratextuais verbais e icônicos. Ao longo da pesquisa trabalharemos somente com paratextos verbais, dos quais delimitamos, fazendo um recorte ainda menor desse tipo específico. A análise será feita somente em: notas; agradecimentos; introduções; epílogos; orelhas de livro, apresentações, prefácios, posfácios e contracapa.

Serão analisados somente os paratextos em que o autor discorre sobre o processo de trabalho dele, onde ele faz um relato sobre sua prática de reportagem. Alvarado (1994, p. 5) ainda diz que os paratextos conseguem responder as perguntas: Quem? Como? Onde? Quando? E Por quê? Dando assim, ao leitor, subsídios necessários para o entendimento do contexto no qual a obra foi produzida.

1.2 O livro-reportagem como gênero do discurso

Para entender o que é o livro-reportagem, utilizamos os estudos de Catalão Jr, onde define o livro-reportagem como um espaço comunicacional relativamente flexível, propício à linguagem e técnica jornalística, cujo enunciado segue um padrão de gênero específico, mas destina-se a um público heterogêneo. O autor corrobora dizendo,

O livro-reportagem é definido como um gênero do discurso – um tipo relativamente estável de enunciado, elaborado em um campo específico da comunicação discursiva, o jornalístico; seus enunciados típicos são produzidos mediante trabalhos de reportagem e materializados e difundidos em livros; seu autor típico é um jornalista, cuja enunciação tem como destinatário um público leitor potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado (CATALÃO JR., 2010, p.8).

O livro-reportagem como um gênero do discurso se trata de um tipo relativamente estável de enunciado, justamente para que haja um melhor entendimento do campo social das comunicações discursivas, no sentido de encontrar as vozes e as relações dialógicas que são estabelecidas ao longo dessas reportagens. Bakhtin (2003, p. 213) afirma que o enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados.

Segundo Catalão Jr. (2010) o livro-reportagem é um objeto pouco estudado pelos pesquisadores que se dedicam à cultura brasileira contemporânea seja no campo da linguagem ou da comunicação.

O livro, mesmo sendo um ato de fala impresso constitui um elemento da comunicação verbal. É aqui que se pode compreender “a palavra diálogo num sentido amplo, não apenas como a comunicação em voz alta, (...), mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN; [VOLOSHINOV]; 2006 p.127). Infere-se que esse enunciado específico é resultado de uma série de vozes anteriores que foram sendo construídas e por fim publicadas em um livro. O autor ainda diz que:

(...) o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre, portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc (BAKHTIN, 2006, p.128).

O livro-reportagem enquanto um gênero do discurso constrói um objeto a partir das relações dialógicas que se dão no âmbito do jornalismo. E desta forma, todo ponto de vista assumido por ele é construído com base em enunciados anteriores. Catalão Jr (2010, p. 48) ainda nos ajudar a entender que o livro-reportagem é um elo na comunicação discursiva “(...) todo livro-reportagem veicula uma voz autoral (...), que responde a outros enunciados antecedentes, (...) e, ao fazê-lo, dispõe-se para a ativa compreensão responsiva de seus destinatários”.

É válido dizer que se pode observar três características comuns dos enunciados nos livros-reportagem, que são: *a alternância dos sujeitos do discurso* permitindo assim que as vozes se manifestem reiterando, incorporando, retomando ou até mesmo omitindo e subvertendo determinados discursos; *a conclusibilidade* que permite uma resposta particular a enunciados e possibilita outros sujeitos lhe responder. E por último, todo livro-reportagem *é constituído em relação* com seu autor e com outros participantes desta comunicação discursiva.

Isso quer dizer que assim como todo enunciado, o livro-reportagem, tem sempre um objeto do qual o autor fala, e também uma conclusibilidade que permite resposta.

Neste determinado momento dialógico o autor fala *tudo* que pretende. É o que Bakhtin (2003, p.281) chama de exauribilidade do objeto que vai ser sempre situacional,

(...) o objeto é objetivamente inexaurível, mas ao se tornar tema do enunciado ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor, (...) no âmbito de uma ideia definida do autor.

Ou seja, esta inteireza do objeto relaciona-se diretamente com que Bakhtin chama de “projeto de discurso” ou “vontade de discurso”. Essa vontade discursiva é determinada desde o momento da escolha de certo gênero do discurso. Os livros-reportagem são resultado de um projeto de discurso dos autores, onde foi pensada toda sua construção como tal e não como um conto ou um poema, por exemplo. É a priorização da intenção discursiva do autor sendo sempre uma resposta pessoal a outros enunciados,

E ao escolher esta forma de gênero particular em vez de qualquer outra, o autor assume uma posição específica na trama dialógica da cultura, determina o lugar a partir de onde formulará e dirigirá sua intervenção – inscreve-se, enfim, no campo histórico, social, e, portanto, impessoal da linguagem (CATALÃO JR, 2010, p.50).

Sabe-se também que os autores dos livros-reportagem em questão são jornalistas que os construíram dentro de um campo específico da comunicação discursiva, o jornalístico. Os livros são resultados de trabalhos de reportagem e

o que diferencia este tipo de trabalho sob o ponto de vista dialógico, é o fato de ele ser realizado por um tipo específico de profissional, que atua num campo igualmente particular da comunicação discursiva e, ao cumprir suas tarefas, insere-se em uma dinâmica dialógica típica desse campo. (CATALÃO JR, 2010, p.68).

Ou seja, é preciso dizer aqui, que a prática jornalística por si só é uma verdadeira dinâmica dialógica, dado o fato de que os repórteres se apóiam nos discursos alheios para construir matérias, notícias, reportagens, etc. Sempre levando em consideração seu conhecimento de mundo, crenças, costumes. Dito isso, é importante que se busque dentro dos elementos paratextuais a vontade discursiva dos autores,

investigando os enunciados pelos quais eles foram construídos e aos quais eles respondem. Essa investigação acontece a partir dos relatos dos próprios jornalistas.

O dialogismo é o fio condutor de diversas esferas da comunicação humana, inclusive do trabalho jornalístico. Deste modo, a pesquisa também é conduzida a partir desta perspectiva.

1.3 Dialogismo

Como foi dito acima, a perspectiva assumida pela pesquisa é a dialógica. Segundo Bakhtin (1988) apud Fiorin (2006) a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele de uma interação viva e tensa.

Apenas o Adão mítico, que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTIN, 1988, p.88).

O teórico russo enuncia esse princípio da concepção bakhtiniana: segundo ele, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Cabe dizer aqui que essas relações dialógicas não se restringem somente ao diálogo face a face, mas a todos os enunciados no processo de comunicação que, independentemente de sua dimensão, são dialógicos.

Ou seja, para um enunciador produzir um enunciado, ele sempre vai levar em consideração o discurso do outro, o contexto, suas experiências. É por isso que Fiorin (2006, p.19) diz que “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio e o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. Qualquer objeto no mundo mostra-se por meio da linguagem, ou seja, por meio dos signos. Portanto, esses objetos mostram-se perpassados por ideias ou pontos de vistas, e

não há nenhum objeto que não pareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-

se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2006, p.19).

A partir disso, percebe-se que o contexto em que o sujeito está inserido influencia diretamente no modo como este constrói o seu comportamento dentro das diversas esferas sociais, onde o indivíduo consegue formar o que por convenção social é chamado “ser autêntico”, mas sempre influenciado por meio dos demais discursos, ou seja, as vozes sociais.

Algo importante de ser mencionado e diferenciado dentro dos estudos do dialogismo são as unidades da língua e os enunciados. As unidades da língua não são dialógicas, visto que não possuem destinatário, nem autor. As unidades da língua são palavras, sons, orações que utilizados fora do contexto não fazem sentido nenhum, logo são repetíveis. As unidades da língua não permitem resposta, já os enunciados, sim.

Os enunciados são a réplica de um diálogo, que não necessariamente, nos coloca em uma posição de seres assujeitados, pois apesar de nos basearmos em outros discursos, não estamos repetindo e sim interagindo com os outros. Sempre esperamos uma resposta, é uma interação autor-receptor, e cada ser humano é único e responde as contradições de maneira específica. O enunciado assume uma posição social respondendo a outras posições sociais.

Uma distinção fundamental entre ambas é que as unidades da língua, apesar de serem palavras completas, (oração, período) não permitem uma resposta. Por exemplo, se a palavra é falada fora do contexto não terá uma resposta apesar de ela está completa, pois para haver uma resposta precisa, necessariamente, ser um enunciado, permitindo uma réplica e sempre se dirigindo a alguém.

As unidades da língua são neutras, já os enunciados carregam emoções, juízos de valor, visões de mundo. É importante conhecer o contexto em que os discursos estão sendo construídos, não adianta apenas eu saber o que significa cada unidade da língua que constitui um enunciado, pois se não entender as relações dialógicas que perpassam este discurso, dificilmente se conhecerá o sentido. Por exemplo, a palavra manga, sozinha, ela não quer dizer nada, agora, pronunciada em contextos diferentes da língua ela pode dizer várias coisas, pode ser várias coisas gerando várias possibilidades de interpretação.

1.3.1 Conceitos de dialogismo

Fiorin (2006) faz uma divisão dos conceitos de dialogismo onde ele propõe três diferentes conceitos. *O primeiro conceito de dialogismo* diz que “todos os enunciados constituem-se a partir de outros” (p.30).

Sabendo que um enunciado se constrói a partir de outro, sendo sempre uma réplica a outro enunciado, conclui-se que temos no mínimo duas vozes atuando dentro dele o que o caracteriza como sendo heterogêneo, pois há uma voz em oposição à outra. Isso significa também que as relações dialógicas não vão ser convergentes, pelo contrário serão muitas vezes divergentes. Como Fiorin (2006) considera, os enunciados são sempre o espaço de lutas sociais, lugar de contradição.

É importante ressaltar também que a teoria bakhtiniana não leva em conta somente as vozes sociais, mas também as vozes individuais, considerando o fato que o locutor não seja Adão, único homem que evitou por completo essa mútua orientação dialógica, produzindo o primeiro enunciado, todos os enunciados depois deste específico vão ser ponto de convergência ou divergência de vários pontos de vista. Portanto, os discursos individuais vão sendo construídos a partir dos sociais formando relações dialógicas sempre individuais e sociais, considerando o fato de Bakhtin dizer que o individual é sempre formado pelo social.

Nós somos seres formados pelo social, nossos discursos são cheios de ideias, valores apreendidos em algum lugar, com alguém, com nossas vivências e experiências. Qualquer discurso dito (enunciado) vai conter o discurso de outrem. Também não é possível dizer que existem dois tipos de dialogismo, um entre enunciados e outro entre locutor e interlocutor, pois o único dialogismo que vai existir é entre enunciados, sendo que o interlocutor é uma resposta, é um enunciado.

A partir disso, busca-se dentro dos elementos paratextuais, verificar a escolha do autor em colocar determinado enunciado, e não outro, dentro do texto. Levando em consideração que as relações dialógicas podem ser polêmicas, convergentes, divergentes, de conciliação ou de luta e também que a nossa sociedade é dividida em classes sociais, logo, os enunciados vão ser sempre um espaço de lutas entre as vozes. Vale ressaltar, que, a proposta bakhtiniana nos permite examinar fenômenos da fala cotidiana, permite analisar todos os fenômenos presentes na comunicação humana.

Já o *segundo conceito* é: “O dialogismo é uma forma composicional, são maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso”. Com isso Bakhtin diz que o dialogismo é o modo de constituição do enunciado.

De acordo com Fiorin (2006, p.32) há duas formas de inserir o discurso de outro no enunciado. A primeira forma é por meio do discurso objetivado (discurso direto, indireto, aspas, negação); e a segunda forma é através do discurso bivocal (paródia, estilização, polêmica clara ou velada, discurso indireto livre).

O discurso objetivado é claramente separado, é perceptível sua demarcação dentro dos textos. Já no discurso bivocal as vozes vão se misturando, sendo mais difícil a percepção. A separação do discurso citante e do discurso citado não fica evidente.

Bakhtin diz que o sujeito não é totalmente assujeitado e toda subjetividade é social, ou seja, essa subjetividade nasce a partir do diálogo dos sujeitos. O dialogismo vai ser o princípio de constituição do sujeito e da consciência.

Considerando que o sujeito é sempre construído em relação com o outro, construído discursivamente através das vozes sociais e das relações dialógicas, considera-se o sujeito dialógico. Tanto o mundo interior quanto o mundo exterior é construído de diversas vozes, sendo assim um constante vir a ser que pode ser completado por outros discursos.

Esse processo de constituição da consciência é feito de várias maneiras, sendo construídos por diferentes vozes, que Fiorin (2006, p. 58) chama de vozes de autoridade ou vozes de sentido internamente persuasivas. As vozes de autoridade são vozes mais difíceis de serem modificadas, permeadas. Já as vozes de sentido internamente persuasivas são passíveis de mudança, pois se abrem incessantemente à absorção de outras vozes.

Portanto, o *terceiro conceito* é: “os enunciados, construídos pelo sujeito, são constitutivamente ideológicos, pois são uma resposta ativa às vozes interiorizadas”. Cabe aqui dizer que as vozes do interior são manifestadas por vozes exteriores, que tem um caráter social, é a sua exteriorização. Por isso os enunciados não são individuais, descolados do todo social, uma vez que a consciência individual é formada pela incorporação das vozes que circulam na sociedade. Fiorin (2006, p.59) corrobora dizendo que,

os enunciados, sendo constitutivamente dialógicos, são sempre históricos (...) não é a biografia do autor, as circunstâncias em que viveu que permitem ver o caráter histórico do enunciado. Mesmo porque há enunciados de autores desconhecidos, que não se sabe onde e quando foram produzidos e, apesar disso, tem sentido.

Trazendo este conceito para a pesquisa é possível afirmar que os livros-reportagem são enunciados, são uma realidade construída e que tem um sentido. Sentido este que vai ser captado ao longo da percepção da historicidade destes enunciados, a maneira como foram construídos, a que enunciados anteriores eles respondem.

1.3.2 Dialogismo como princípio constitutivo da pesquisa

Explicitado os três conceitos de dialogismo, pode-se inferir que ele é um princípio constitutivo tanto da linguagem como do enunciado, visto que é a partir do dialogismo que construímos nossas relações sociais.

Partindo da concepção do dialogismo bakhtiniano só é possível entendermos uns aos outros porque os discursos são sempre baseados em discursos anteriores. Porque se cada enunciado produzido fosse “novo” seria difícil a comunicação humana. “O dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado” (FIORIN, 2006, p.24).

O dialogismo não é só o princípio constitutivo do enunciado, mas também é o princípio constitutivo da pesquisa. A metodologia é baseada nessa perspectiva, onde se pretende estabelecer um diálogo com uma série de falas, no sentido de que os repórteres estão em constante contato com estas vozes sociais, que são as fontes e seus discursos.

Tanto o repórter quanto suas fontes assumem conceitos, juízos de valor, visões de mundo, posições, crenças e saberes que são constituídos dialogicamente. O próprio trabalho de reportagem é dialógico, considerando que os jornalistas constroem suas matérias/reportagens pautadas em discursos alheios.

É a partir deste entendimento que se pretende verificar de que forma as fontes são aproveitadas pelos jornalistas sendo que já existe uma perspectiva, um conhecimento pronto nos discursos. Trabalha-se com os livros-reportagem no sentido de que, independentemente de sua dimensão, eles são dialógicos. Para o autor constituir um discurso, ele leva sempre em consideração o discurso alheio que, implicitamente estará presente no seu, ou seja, faremos a investigação de como o repórter construiu seu discurso através de outros discursos, porque escolheu certas fontes e não outras.

O dialogismo será a base de entendimento da construção do processo do repórter, com base sempre nas falas dos próprios jornalistas ou comentaristas de seus trabalhos. A metodologia se dará basicamente na busca por esse entendimento dialógico entre as vozes. Vozes do jornalista e vozes nas quais eles se apóiam para construir os livros.

Os livros-reportagem analisados são os seguintes:

1. Rota 66 – Caco Barcellos;
2. Abusado: o dono do Morro Dona Marta – Caco Barcellos;
3. Mauá: empresário do império – Jorge Caldeira;
4. A sangue frio – Truman Capote;
5. Notícia de um seqüestro - García Márquez;
6. A ditadura envergonhada – Elio Gaspari;
7. A ditadura escancarada – Elio Gaspari;
8. Hiroshima – John Hersey
9. No ar rarefeito: um relato de tragédia no Everest em 1996 – Jon Krakauer;
10. Na natureza selvagem - Jon Krakauer;
11. O super-homem vai ao supermercado: convenções políticas – Norman Mailer;
12. Olga – Fernando Morais;
13. Chico Mendes: crime e castigo – Zuenir Ventura;
14. 1968: o ano que não terminou – Zuenir Ventura;
15. A primavera do Dragão: a juventude de Glauber Rocha – Nelson Motta.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

2. Critérios para escolha do tema

Este capítulo é dedicado a expor quais os critérios que o repórter usa para escolher o tema trabalhado em cada livro-reportagem. Procuramos responder as seguintes perguntas: quais foram os motivos apresentados? Foram por motivações políticas? Pessoais? Com base em que critérios? Foi por meio de alguma história mítica? Por que a escolha deste tema e não de outro?

Como se sabe a prática jornalística é uma atividade predominantemente dialógica. Os repórteres ao pensarem em uma pauta, escolherem as fontes, quais falas vão entrar nas matérias, qual o direcionamento que vai ser dado para o texto final? Vai ser a escolha feita por ele. São de responsabilidade própria as decisões tomadas, ou seja, os discursos assumidos.

Quando se fala em atividade puramente dialógica significa que os enunciados jornalísticos produzidos têm base em outros enunciados. É válido dizer que o sujeito, neste caso, o repórter, não está somente assujeitado pelos discursos que já estão postos. Ele também coloca no trabalho as concepções e a subjetividade dele. Em análise feita aos paratextos pode-se chegar a algumas conclusões, apresentadas a seguir.

2.1 A escolha do tema por meio de um trabalho de reportagem

Seis dos quinze livros-reportagem em análise foram escritos a partir de um trabalho de reportagem designado por uma empresa para qual os jornalistas trabalhavam na época. De apenas uma reportagem, os repórteres se envolveram com o tema e resolveram relatar de forma mais abrangente o que tinha acontecido, e quase sempre foi por meio de uma inquietação pessoal que os levou a apurar melhor e publicar na forma de livro. Podemos comprovar isso nos seguintes trechos do livro “No ar rarefeito” – 1996 do jornalista Jon Krakauer.

Este livro começou com um artigo encomendado pela revista Outside (**Nota do autor**, p.284).

Em março de 1996, a revista Outside enviou-me ao Nepal para participar de uma escalada guiada ao monte Everest e escrever sobre ela. Fui na qualidade de um dos oitos clientes da expedição chefiada por um conhecido guia da Nova Zelândia, chamado Rob Hall. No dia 10 de maio cheguei ao topo do mundo, porém a um custo tremendo. Entre os cinco companheiros de equipe que atingiram o topo, quatro,

inclusive Hall, pereceram numa tempestade terrível que chegou sem avisar enquanto ainda estávamos no pico. Até eu descer ao acampamento-base, nove alpinistas, de quatro expedições diferentes, estavam mortos e três outras vidas se perderiam antes que o mês terminasse. A expedição me deixou muito abalado e foi um artigo difícil de escrever. Ainda assim, cinco semanas depois de ter voltado do Nepal, entreguei um manuscrito à Outside que foi publicado na edição de setembro da revista. Cumprida essa parte, tentei tirar o Everest de minha cabeça e de minha vida, mas foi impossível. Em meio a um nevoeiro de emoções confusas, continuei tentando dar um sentido ao que acontece lá em cima e a martelar as circunstâncias em que meus companheiros morreram (p.9).

O artigo para a Outside foi tão preciso quanto possível, dadas as circunstâncias: eu tinha um prazo, a sequência de eventos fora de uma complexidade frustrante e as lembranças dos sobreviventes estavam muito distorcidas pela exaustão, falta de oxigênio e choque. Em certo ponto de minha pesquisa, pedi a três outras pessoas para contarem um incidente que nós quatro testemunhamos, na alta montanha, mas ninguém foi capaz de concordar quanto aos fatos cruciais, como a hora, o que fora dito e nem mesmo quanto a quem estava presente (p.9).

(...) A escalada do Everest abalou até o âmago de minha vida; tornou-se desesperadamente importante, para mim, registrar os eventos em todos os detalhes, livre das limitações de uma revista. Este livro é fruto dessa compulsão (p.10).

(...) o que houve na montanha estava me roendo as entranhas. Pensei que, escrevendo o livro, poderia expurgar o Everest de minha vida, Claro que isso não ocorreu (...) (**Introdução**, p.10-1).

De acordo com o texto de Krakauer, percebe-se que a escolha do tema deste livro se deu por meio de um acidente que marcou a vida do jornalista de tal maneira que ele acreditou que só escrevendo um livro, esta tragédia ia sair da vida dele. Vale dizer que o jornalista Krakauer era um alpinista amador o que contribuiu de maneira positiva para o desenvolvimento da reportagem e do livro. Mais uma vez comprova-se o fato de que a escolha do tema parte, muitas vezes, a partir de um motivo particular de seus escritores.

A inclinação pessoal, a história de vida vai contribuir de forma decisiva para a escolha final do tema. O mesmo acontece com o livro “Na Natureza Selvagem” do mesmo autor, acompanhe:

Em abril de 1992, um jovem de uma família abastada da costa leste dos Estados Unidos foi de carona até o Alasca e adentrou sozinho a região selvagem e desabilitada ao norte do monte Mckinley. Quatro meses depois, seu corpo decomposto foi encontrado por um grupo de caçadores de alce (**Nota do autor**, p.9).

Pouco após a descoberta do cadáver, o editor da revista Outside pediu-me uma reportagem sobre as circunstâncias enigmáticas da morte do rapaz. Revelou-se que seu nome era Christopher Johnson McCandless.

Fiquei sabendo que crescera em um subúrbio rico de Washington, D.C. , onde fora excelente aluno e atleta de elite (p.9). Trabalhando com prazo curto, escrevi um artigo de 9 mil palavras, publicado no número de janeiro de 1993 da revista, mas meu fascínio por McCandless não desapareceu com a substituição daquela edição de *Outside* nas bancas por temas jornalísticos mais atuais. Perseguiam-me a lembrança dos detalhes da morte por inanição do rapaz e certas semelhanças vagas entre acontecimentos de minha vida e da de Christopher (p.9). Disposto a não me afastar de McCandless, passei mais de um ano refazendo a trilha espiralada que conduziu a sua morte na taiga do Alasca, caçando os detalhes de sua peregrinação (**Nota do autor**, p.10).

Aqui neste livro, o autor descreve na nota que o livro é também resultado de um trabalho de reportagem, que ao final, quando Krakauer foi entregar o artigo à revista *Outside* ele sentia que ainda assim o trabalho não estava completo. Ele se envolve com a história do jovem a tal ponto que o “interesse dele beirava a obsessão”. O critério de escolha nesse caso também foi uma motivação pessoal, com base em critérios de escolha que permitiram ao autor uma ampliação do tema, como ele mesmo relata:

Ao tentar compreender McCandless, cheguei inevitavelmente a refletir sobre outros temas mais amplos: a tração que as regiões selvagens exercem sobre a imaginação americana, o fascínio que homens jovens com certo tipo de mentalidade sentem por atividades de alto risco, os laços altamente tensos que existem entre pais e filhos. O resultado dessa investigação cheia de meandros é este livro (**Nota do autor**, p.10).

Outro livro que segue o mesmo padrão da escolha do tema é do autor Truman Capote – *A Sangue Frio*. O autor, designado a desenvolver uma reportagem

(...) sobre o assassinato do casal Clutter e seus dois filhos, ocorrido em 1959 na cidade de Holcomb, no Kansas, Estados Unidos, ele passou mais de um ano na região, entrevistando os moradores e investigando as circunstâncias do crime. Para narrar a trajetória dos assassinos, Perry Smith e Dick Hickcock, da cena do crime ao corredor da morte a que terminariam condenados, o autor obteve a amizade e a confiança irrestritas dos dois criminosos (**Orelha do livro**).

Caco Barcellos, autor de dois livros-reportagem utilizados na pesquisa, relata também que a escolha do tema se deu por meio de realização de reportagens, de um desejo incontável de divulgar de forma jornalística, mostrando o outro lado dos fatos que aconteciam e acontecem dentro das favelas, e mostrando a história de uma polícia que mata. O autor, ao se pronunciar acerca desse tema mostra sua posição em torno dos assuntos, não é só a reprodução de enunciados, mas a produção de novos, sempre com base em outros já proferidos. Acompanhe:

Na favela Santa Marta, das crianças aos idosos, todos já sabiam que Claudinho e Juliano eram inimigos havia mais de dez anos. E que as ameaças de morte entre eles eram recíprocas. Concordo que as informações sobre essa inimizade sejam reveladoras para quem mora em Ipanema, Leblon, Copacabana ou qualquer outro bairro do Brasil. E essa foi uma de minhas grandes motivações para escrever o livro (Abusado, **Posfácio**, p.556).

Este livro tem a morte por tema. Mas é uma celebração da vida, qualquer vida, mesmo quando aparentemente não vale a pena e a dor de ser vivida (Rota 66, **Orelha do livro**).

Do mesmo modo, o livro Chico Mendes – Crime e Castigo de Zuenir Ventura surge não só por meio de um trabalho de reportagem ao qual ele foi designado, mas também por conta de uma militância ambiental do editor do jornal para o qual Zuenir trabalhava na época. Diz ele:

Devo a publicação destas reportagens a alguns amigos. Em primeiro lugar, a Marcos Sá Correa, que, por sugestão de Flávio Pinheiro, teve a arriscada ideia de me mandar realizá-las em 1989, eu que da Amazônia só conhecia o mapa. Em meio a um clima de apaixonada militância pela causa ambiental, ele acreditava que seria necessário um olhar menos engajado ou comprometido para dar conta do que se passava no Acre logo depois da morte de Chico Mendes (**Introdução**, p.9).

Diferente dos outros livros-reportagem, o autor deste fez uma série de reportagens que se transformaram em livro quinze anos mais tarde, relata “o meu segundo agradecimento vai para Luiz Schwarcz, que quase quinze anos depois resolveu transformar as reportagens em livro” (**Introdução**, p.10).

Como já mencionado acima, o jornalista Krakauer ao escrever “No ar rarefeito” era um conhecedor de alpinismo, sendo assim sua particularidade pela escolha do tema foi predominante. Ao contrário dele, Zuenir Ventura, que do Acre só conhecia o mapa, fez de seu desconhecimento uma busca incessante pelos mistérios a cerca da morte de Chico Mendes. Não se pode dizer que Zuenir não colocou sua vontade pessoal ao escrever o livro pelo fato de ele não conhecer o território, neste caso, a inclinação pessoal se deu a partir das escolhas das fontes, da estrutura (organização) e da abordagem feita nas reportagens.

2.2 A escolha do tema por meio de motivação histórica e política

Como exposto acima, trabalhos de reportagem levam autores a ampliarem seus textos e publicarem em livro. Além disso, outro motivo percebido foi o de motivação histórica e política para a escolha do tema.

Os autores dos livros descritos a seguir não foram designados em nenhum momento para escreverem acerca dos temas escolhidos, parte deles desde um determinado período de vida, a vontade de escrever sobre esse tema e não outro. Fernando Morais ao escrever Olga relata:

A história que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro: a vida de Olga Benario Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde adolescência, quando ouvia meu pai referir-se a Filinto Muller como o homem que tinha dado a Hitler, “de presente”, a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses. **(Apresentação à 1ª edição, p.9).**

Além da motivação pessoal e histórica, Olga, surge como uma figura mítica na vida do autor. A escolha também acontece de acordo com uma visão política do jornalista. Quando Fernando Morais escolhe escrever sobre Olga Prestes, uma judia comunista, e não sobre outra personagem, ele também quer marcar sua posição acerca deste assunto. Afirma dizendo: “(...) Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga, projeto que guardei com avareza durante os anos negros do território de Estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura” (p.9).

Outro livro que retrata essas mesmas motivações para a escolha do tema é “1968 – O ano que não terminou” de Zuenir Ventura. O autor relata que:

O ano que não terminou é um livro que me diz respeito diretamente. Vivi com grande intensidade esse ano, como aqueles que se seguiram, menos iluminados e mais sombrios. Não só vivi como me formei nessa atmosfera de paixão e impulsividade, um momento não apenas de grandes sonhos, mas do sentimento de que poderíamos, sem grandes dificuldades, transformar esses sonhos em história **(Orelha do livro).**

Isso também acontece em Mauá – Empresário do Império de Jorge Caldeira. O autor ao escolher esse tema adotou os critérios já elencados acima. Observe o relato feito pelo autor:

Meu interesse pelo visconde de Mauá nasceu num momento tão importante quanto triste. Em fevereiro de 1986, minha família vendeu uma velha fazenda de café no vale do Paraíba. A casa grande onde se criaram gerações, que deu um sentido de segurança, estabilidade e poder durante toda minha infância, já há algum tempo, (...) tornara-se uma lembrança dolorosa. Encarregado de recolher seus livros dos tempos de estudante de história, que jaziam no porão entregues às

considerações implacáveis dos cupins, tentei salvar o que houvesse de interessante. O fascínio da leitura, feita ainda sob o impacto da perda da casa que até hoje habita meus sonhos e pesadelos, foi uma espécie de consolo. Aos poucos, o que era apenas uma curiosidade foi se tornando problema. Trabalhando como jornalista de economia num país em convulsão monetária permanente, comecei a perceber que muitos problemas que pareciam atuais não o eram tanto assim, e me senti olhando para a figura de Mauá, buscando futuro no conhecimento do passado. Em 1990, a tentação se tornou compulsão. Aos poucos, a ideia de um trabalho maior foi tomando fôlego (**História deste livro**, p.543).

Os livros, *A Ditadura Envergonhada* e *A Ditadura Escancarada* de Elio Gaspari também se encaixam nesse critério para a escolha do tema.

Minha ideia tinha sido usar paz e tempo para concluir um ensaio, coisa de cem páginas, intitulado “Geisel e Golbery, o sacerdote e o Feiticeiro”. O propósito era simples: tratava-se de explicar por que os generais Ernesto Geisel (o Sacerdote) e Golbery do Couto e Silva (o feiticeiro), tendo ajudado a construir a ditadura entre 1964 e 1967, desmontaram-na entre 1974 e 1979. Já havia escrito umas trinta páginas quando percebi que sua única utilidade era a de me mostrar que, ou eu trabalhava muito mais, ou era melhor esquecer o assunto (...). Disse-lhe que não terminara ensaio algum e chegara à conclusão de que talvez devesse escrever um livro. Este livro não existiria sem a decisão de Golbery de entregar-me seu arquivo e sem a paciente colaboração de Ernesto Geisel. Convivi com ambos. Em nenhum momento passou pela minha cabeça escrever uma história da ditadura. O que eu queria contar era a história do estratagema que marcou suas vidas. Fizeram a ditadura e acabaram com ela (**Explicação**, p.13).

Nos relatos dos autores é também perceptível como a escolha desse tema, que diz respeito à história e a política, torna-se tão pessoal quanto nostálgica. É uma lembrança da juventude, da adolescência, dos tempos em que os sonhos podiam tornar-se realidade, do tempo em que tiveram paz, dizem eles. Tomados com base na perspectiva dialógica, os jornalistas ao escreverem os livros dizem que foi a partir de um “eu ouvir falar” que as inquietações surgiram. Ou seja, com base nos discursos já ditos cria-se um “novo” discurso, um novo enunciado que vem ser o próprio livro.

2.3 Escolha do tema com base em depoimentos coletados e pedidos de pessoas específicas

Outro critério para a escolha do tema que foi percebido ao longo das análises foi quanto a jornalistas que se propuseram a fazer um perfil de determinada personalidade e por fim acabaram transformando esse perfil em uma espécie de biografia. Isso acontece

com o autor Nelson Motta em: *A primavera do dragão – A juventude de Glauber Rocha*, onde o jornalista relata:

Comecei este livro no verão de 1989, no Rio de Janeiro, em vários encontros com dona Lucia, mãe de Glauber, para conversar sobre infância, adolescência e juventude. Era o ponto de partida para traçar um retrato do artista quando jovem, a base para reconstruir os anos de formação de um personagem símbolo de sua geração.

Com as gravações das entrevistas transcritas, eu começava a estruturar o livro quando uma notícia de jornal me fez mudar de ideia: Zuenir Ventura estava escrevendo uma biografia de Glauber Rocha. Desisti imediatamente. Vinte anos e sete livros depois, conversando com Zuenir em um festival literário, falamos com saudades de Glauber. E ele se lembrou do meu projeto, sugeriu que eu o retomasse. Obedeci ao mestre (**Orelha do livro**).

Outro critério de escolha é relatar determinado fato com base no pedido de alguém. O autor Gabriel García Márquez, confirma isso dizendo: “Em outubro de 1993 Maruja Pachón e seu marido, Alberto Villamizar, me propuseram escrever um livro sobre as experiências dela durante seu seqüestro de seis meses, e as árduas negociações em que ele se empenhou para conseguir libertá-la” (**Gratidões**, p.5).

Portanto, a maior recorrência da escolha do tema foi dada a partir de dois motivos, que foi a partir da designação de um trabalho de reportagem e o outro a partir de motivação política, histórica e pessoal. É válido dizer que a vontade particular é preponderante em ambos os casos.

Os jornalistas escrevem sobre temas que se relacionam intrinsecamente com sua vida pessoal ou por mais que o assunto não tenha algo diretamente ligado a ele, a sua vontade particular é colocada em cada escolha feita, seja do tema, das fontes, da forma de abordagem até mesmo as omissões que são feitas. Fiorin (2006, p.74) afirma que “o projeto discursivo do locutor adapta-se ao gênero escolhido, desenvolve-se sob a forma de um gênero dado. No entanto, isso não implica que o falante abandone sua individualidade”.

O que se infere aqui é que o sujeito bakhtiniano, no caso os jornalistas, não são somente assujeitados aos discursos anteriores, mas são uma parte desta construção. É um espaço de diálogo com base em “velhos” e gerando “novos” enunciados a cada discurso proferido.

Dado os motivos mais recorrentes para a escolha do tema, busca-se agora entender de que forma os jornalistas elaboraram, construíram e aprofundaram seu conhecimento acerca do assunto escolhido.

3. Identificação da elaboração, construção e aprofundamento do tema

Este capítulo é dedicado a apresentar como o autor elabora, constrói e aprofunda o conhecimento em torno do assunto abordado. O trabalho de reportagem do jornalista se baseia em relatos de fontes, em pesquisas bibliográficas, documentos, entrevistas e dados históricos, se for o caso.

A tarefa de apuração no jornalismo, principalmente em trabalhos de grandes reportagens exige do autor um longo trabalho de pesquisa e aprofundamento acerca do tema. Neste capítulo está exposto de que modo esta pesquisa foi desenvolvida nos paratextos de oito dos 15 livros-reportagem escolhidos, os quais eram os únicos que falavam como foi desenvolvido esse processo.

É válido ressaltar que o trabalho de apuração dos fatos é muitas vezes difícil e longo. Vai de cada escritor o modo como eles abordam as fontes, como é construído o texto e principalmente o modo como é feito o aprofundamento. A seguir estão os relatos do procedimento de cada autor.

Fernando Moraes autor do livro “Olga” relata que teve dificuldades em obter informações precisas no início do trabalho de reportagem, ele diz:

Logo que iniciei a investigação para escrever este livro, em 1982, percebi que as dificuldades para recompor o retrato de Olga seriam muito maiores do que supunha. No Brasil não havia praticamente nada sobre ela e surpreendi-me ao descobrir que até mesmo a historiografia oficial do movimento operário brasileiro, produzida por partidos ou pesquisadores marxistas, relegara invariavelmente a ela o papel subalterno de “mulher de Prestes” e nada mais do que isso (**Apresentação a 1ª edição**, p.9).

É perceptível que o jornalista ao iniciar seu trabalho em Olga, havia apenas esboçado o que queria fazer, mas só foi depois do início da pesquisa que ele percebeu que teria dificuldade nesse processo. Também é importante dizer que esse processo de construção, elaboração e aprofundamento do tema é feito em etapas, que muitas vezes se concretizam a partir da realização de certas entrevistas, que podem ser bem ou mal sucedidas. Jorge Caldeira, autor de “Mauá: o empresário do império”, mostra de maneira bem incisiva o que foi dito acima.

Quando tomei a decisão de estudar a fundo a vida de Mauá, tinha apenas vagos planos traçados. As coisas só começaram a tomar forma algum tempo depois, graças à ajuda de dois amigos: de novo Sérgio Goés, e agora Luiz Marcos Suplicy Haffers. Com Serginho fiz excursões pelo Rio Imperial, discuti fiado em cada visita que fazia a seu apartamento no Leme e aos restaurantes cariocas. Das conversas

nasceu um projeto mais claro, mas que colocava um problema prático, o de realizar mais pesquisas na Inglaterra, no Uruguai e na Argentina (**História deste livro**, p.544).

Ivan Lessa, autor de um paratexto do livro “A sangue frio”, de Truman Capote, também ajuda a confirmar o fato de que o livro em si, só começa a ser desenvolvido após uma pesquisa, ou feita uma mínima apuração.

Capote passou ao todo um ano e meio no Kansas examinando aspectos da “história” e conversando com quem podia, principalmente os “dois meninos”, como os chamava. Depois foram quase cinco anos de quebrar pedra, ou geleira, em Verbier, nos Alpes suíços, onde possuía um pequeno chalé. O tom *jet-set*, tão ao gosto de pobre Capote, foi dado pelo resto do trabalho, efetuado em Brooklyn Heights, onde era o dono de um apartamento. (**Apresentação**, p.10).

Percebe-se também que a forma mais recorrente para os autores fazerem o aprofundamento do tema é por meio principalmente de entrevistas, também de pesquisas bibliográficas e algumas viagens às quais os jornalistas precisam fazer, ou para entrevistarem fontes ou para irem atrás de documentos.

Capote ainda diz que “todo o material contido neste livro que não provém de minha própria observação, ou foi retirado dos registros oficiais ou resulta de conversas com as pessoas diretamente envolvidas, entrevistas em geral realizadas ao longo de um extenso período” (**Agradecimentos**, p.17).

Matinas Suzuki Jr. ainda afirma em “Hiroshima” que a matéria-prima do jornalista é “o trabalho de grande apuração: muitas entrevistas, muito bate-pé de repórter, pesquisa em arquivos, exaustiva investigação de fatos, levantamento de dados. Essa técnica é chamada de reportagem de imersão” (**Posfácio**, 171).

Marcos Sá Corrêa, autor de um paratexto do livro “Chico Mendes: crime e castigo”, fala sobre as entrevistas e sobre as viagens realizados por Zuenir Ventura.

(...) entregando-se aos mosquitos do Acre com bloco de notas, gravador, máquina fotográfica, passagens de avião para destino aonde ninguém vai a passeio e uma vaga ideia do que encontraria pela frente. São esses os acessórios típicos dos eternos principiantes, que fazem da reportagem a única aventura genuína do jornalismo, vivida nos limites do que já se sabe com o que ainda se quer saber. O resto é uma forma disfarçada de aposentadoria (**Posfácio**, p.238).

Zuenir Ventura foi ao Acre por quatro ou cinco dias. Ficou um mês. Ao voltar, não trazia só a reportagem que no fim do ano levaria o prêmio Esso. Trouxe mais. Trouxe um modelo de cobertura jornalística que, sem ter uma linha de isenção, conseguia mostrar

todos os lados de uma história que, no fundo, tinha um lado só (**Posfácio**, p.239).

O mesmo acontece no livro “Olga” de Fernando Morais que narra,

O passo seguinte exigiu uma viagem à República Democrática Alemã (RDA), onde, ao contrário do que ocorrera no Brasil, localizei um verdadeiro tesouro. Heroína nacional cujo nome batiza dezenas de escolas e fábricas, Olga teve sua memória carinhosamente preservada pelos comunistas de sua terra. (...) não só selecionei e reproduzi todo material disponível, como entrevistei creio que todos os velhos militantes ainda vivos que tinham convivido com Olga na Juventude Comunista, nos anos 1920 e, uma década depois, nas prisões e campos de concentração nazistas (**Apresentação à 1ª edição**, p.10).

É válido dizer também que, no jornalismo preza-se muito pela utilização de mais de uma fonte nas matérias jornalísticas, é o chamado “ouvir os dois lados”. No caso de um livro-reportagem os jornalistas não somente ouvem os dois lados, mas consultam diversas fontes para tentar chegar aos dois lados do fato. Nelson Motta, autor de “A primavera do dragão: a juventude de Glauber Rocha”, também fez seu trabalho de construção e elaboração do tema diretamente por meio de entrevistas, ele relata:

Fui a Salvador em busca da sua turma de juventude. Em Itaparica, ouvi João Ubaldo Ribeiro contar aventuras e travessuras com Glauber, imitando à perfeição a sua voz e o seu jeito de falar. Escutando a fita, até dona Lucia diria que era Glauber. Conversei com seus amigos de colégio e faculdade, o artista plástico Calazans Neto, os poetas e escritores João Carlos Teixeira Gomes, (...), o cineasta e inventor Roberto Pires, que criou uma lente de Cinemascope baiana, e revirei arquivos de jornais e revistas de Salvador do final dos anos 50 e início dos anos 60. Até com sua babá Adelina conversei, numa casinha na periferia de Salvador. A partir desse protagonista sensacional, beirando o inverossímil, fui tecendo uma história alegre de amizade, esperanças e conquistas. Ao contrário dos últimos anos da vida de Glauber. Com as gravações das entrevistas transcritas, eu começava a estruturar o livro (...) (**Orelha do livro**).

Heloisa Buarque de Hollanda, autora de um paratexto do livro “1968: o ano que não terminou” de Zuenir Ventura também narra que,

A respeito do livro, eu sabia que Zuenir havia feito inúmeras entrevistas, consultado jornais, revistas, livros, documentos, enfim, tudo o que se possa pensar. Sabia então que precisão e fidedignidade o livro iria ter. Tinha certeza de que a época estaria exaustivamente documentada, incluindo-se aí os mitos e bastidores do poder jovem (**Apresentação**, p.7).

A entrevista aqui não parece dirigida tão-somente para o levantamento preciso de dados e fatos. Pelo menos, este não é seu maior resultado. Zu ouve um pouco mais. Descobre, na inflexão inevitavelmente

ficcionalizada da memória, nostalgias, ressentimentos, desejos, sonhos, frustrações (**Apresentação**, p.8).

É importante frisar que os jornalistas também relatam que além de trabalhoso, o processo de apuração leva tempo e dependendo de cada jornalista, esse procedimento pode demorar até anos e que há diferença entre o tempo para a realização das entrevistas e o período para a apuração, que é justamente a fase de ouvir, comparar e compilar dados para só então eles começarem a escrever. Gay Talese, autor do livro “Vida de escritor³” diz que

(...) há também a questão da pesquisa. Pelo menos metade do tempo que dediquei àquele livro, bem como a meus livros anteriores, foi utilizado para procurar e reunir informações, que obtive em bibliotecas, arquivos privados e públicos e com várias pessoas que procurei e entrevistei. Creio que o contato face a face é necessário porque desejo não somente um diálogo, como também uma sensação visual dos traços pessoais e maneirismos dos entrevistados, além da possibilidade de descrever a atmosfera do local em que se deu o encontro (p.59).

Já o jornalista Matinas Suzuki Jr., autor de um paratexto de “A sangue frio” de Truman Capote também relata que,

(...) grande investimento de tempo no trabalho de pesquisa, na apuração em mais de 8 mil páginas, incluindo aí os longos depoimentos compilados pela justiça. Ele refez o percurso de fuga de Richard Hickock e Perry Smith até a prisão em Las Vegas. Entrevistou as mesmas pessoas várias vezes, ao longo de três anos. A princípio, não só a provinciana população local, atemorizada pela violência do crime e ressaída com a presença bizarra e cheia de perguntas de Truman Capote, não colaborou, como também os acusados Rick e Perry recusaram-se a falar. Ao longo dos anos, gastou centenas de horas conversando exaustivamente com os mesmos personagens. E levou bastante a sério o trabalho de bater perna atrás de informação, exercitando incansavelmente o chamado mergulho em profundidade no tema, que é um dos procedimentos requeridos pelo melhor jornalismo literário (**Posfácio**, p.429).
Consta que Capote passou um desses seis anos apenas trabalhando nas notas, burilando-as, antes de escrever uma única linha do livro (**Apresentação**, p.10).

Diferente de Capote, o processo editorial de John Hersey em “Hiroshima” foi bem diferenciado, ele precisou apenas de seis semanas para escrever a reportagem para a revista enquanto Capote levou quase seis anos somente no trabalho de apuração. Claro

³ O livro citado não faz parte do *corpus* da pesquisa, mas é utilizado aqui como fonte bibliográfica para exemplificar e comparar informações.

que Hersey ao fazer “Hiroshima” também precisou de mais tempo para a escrita, mas a apuração já havia sido feita. Suzuki Jr, diz:

John Hersey ficou no Japão de 25 de maio a 12 de junho. Levou cerca de seis semanas escrevendo a reportagem. Quando entregou as 150 páginas do original, recebeu de William Shawn e Harold Ross uma série de sugestões de mudanças. As observações e perguntas que Ross fazia sobre um original passaram pela a história do jornalismo como uma das marcas características do processo editorial da The New Yorker. Os editores da revista que publicava os jornalistas/escritores mais importantes do jornalismo da época reescreviam todos os textos e aí, para muitos, residia o segredo da alta qualidade da publicação (**Posfácio**, p.164).

Esse trabalho de apuração não só demanda tempo, mas há ainda algumas dificuldades como, por exemplo, fontes não encontradas, fontes que não querem falar sobre determinados assuntos, documentos perdidos. É preciso certa insistência dos jornalistas para conseguir determinadas informações. Fernando Morais em “Olga” fala,

(...) além dos documentos obtidos, as entrevistas feitas por mim na República Democrática Alemã com pessoas que conviveram com Olga sob o nazismo foram valiosíssimas para a reconstituição de sua passagem pelo Brasil (...). Como sua passagem pelo Brasil se tornara, para mim, a parte mais obscura da investigação, pressionei os amigos de Olga em Berlim até a irritação com perguntas sobre cada momento de seus dezessete meses no Rio de Janeiro e em alguns casos obtive depoimentos torrenciais. (...) retomei as entrevistas, revi datas e dados com Prestes e com outros entrevistados e continuei à cata de sobreviventes de 1935 que pudessem dar depoimentos ou, pelo menos, ajudar-me a conferir as informações de que dispunha (**Apresentação à 1ª edição**, p.11- 2).

No livro “Vida de escritor”, o autor também relata essa dificuldade vivida com algumas fontes, dizendo que

Já gastei semanas negociando entrevistas com pessoas recalcitrantes que, quando finalmente resolveram falar comigo, nada revelaram de interessante. Já viajei centenas e milhares de quilômetros seguindo pistas que por fim não me levaram a parte alguma. Das informações que recolho de pessoas, 80% terminam na cesta de lixo. Ainda assim, eu não teria conseguido descobrir os 20% úteis sem abrir caminho através dos outros 80% que acabam virando lixo (p.60).

No livro “Ditadura envergonhada” de Elio Gaspari também há uma mera descrição sobre essa dificuldade, “(...) de volta ao Brasil, comecei a recolher material e a aprofundar algumas entrevistas. Falava com Geisel, Golbery e Heitor Ferreira,

secretário de ambos. Em diversas ocasiões perguntei a Golbery se ele tinha um arquivo, e ele sempre negou” (**Explicação**, p.14).

Gay Talese em “Vida de escritor” também relata as dificuldades dos jornalistas em lidar com as fontes de informação e os problemas com apuração, dizendo que

(...) apesar de importantes, as ideias e informações obtidas dessa maneira muitas vezes custam-me quantias consideráveis em transporte e diárias de hotel, assim como em jantares e vinho para as fontes e com frequência o que é dito e visto nessas entrevistas não contribui com absolutamente nada para o avanço do livro. Se meus esforços de pesquisa fossem remunerados à razão de uma pesquisa de uma quantia por hora, eu receberia centavos, e não dólares. Isso não é uma queixa, pois se ganhar uma elevada quantia por hora fosse o mais importante, eu teria aspirado, há muito tempo, a me tornar um advogado (...). Todavia, é importante reconhecer que durante os quarenta anos de minha carreira como escritor-pesquisador eu investi pesadamente na perda de tempo (p.59).

Fernando Morais em “Olga” vem elucidar esta afirmação dizendo que durante

(...) um ano de espera e de reiteradas reclamações, entretanto não foram suficientes para que as portas da burocracia do Itamaraty se abrissem. A falta de dinheiro e de tempo para empreender novas viagens obrigou-me a utilizar o correio e o telefone internacional para conferir dados ou buscar novas informações (**Apresentação à 1ª edição**, p.13-4).

Segundo a própria descrição dos jornalistas ou dos comentadores que são invariavelmente também repórteres, há pontos no processo de reportagem que merecem ser reiterados. Pode-se inferir que o trabalho de apuração jornalística é dividido em etapas, primeiro há o processo de escolha de fontes, entrevistas, viagens, pesquisas feitas em documentos, áudios, fotografias, livros, memórias. O jornalista usa de inúmeros artifícios para conseguir levar a frente sua reportagem.

São essas etapas que vão não só ajudar o jornalista no processo de feitura do trabalho, mas também vão definir o futuro da reportagem, da grande reportagem e do próprio livro-reportagem. É válido falar sobre as dificuldades encontradas pelos escritores, são fontes que não querem dar depoimentos, falar sobre certos assuntos, pessoas não mais encontradas, documentos perdidos e com eles, histórias perdidas.

Neste capítulo, muito mais que falar sobre esse processo de elaboração, construção e aprofundamento do tema escolhido, também se quer chamar a atenção para a concepção dialógica que parece intrinsecamente ligado ao trabalho jornalístico. O fazer da reportagem se apóia basicamente em discursos, o jornalista toma como base os

enunciados já proferidos por alguém e quando falo em enunciados digo isto na maneira mais geral.

Outro ponto importante é a vontade discursiva⁴ do repórter ao escolher as fontes, o modo como o trabalho vai ser feito e, sobretudo, a escolha do gênero. Bakhtin (2003, p.282) diz que “a intenção discursiva do falante, com toda sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido”.

A individualidade e a vontade do sujeito bakhtiniano é colocada sempre em evidência, são as escolhas deles, é a opção por estas fontes e não outras, por essas falas e não por outras, por esse modo de relatar os fatos, por esse modo de entendimento e não por outro. Mesmo a atividade jornalística sendo dialógica, ou seja, se apoiando em falas anteriores, o jornalista além de tudo coloca sua vontade, suas concepções, valores e ideais nesse “novo” discurso produzido.

E é nessa etapa de apuração que se percebe o quão dialógico é a atividade do fazer jornalístico. Além desse processo de construção propriamente dita da reportagem, também se tem outro ponto importante para a realização desta atividade, que é como se dá o processo de interação entre jornalista e suas fontes, já que elas são responsáveis por uma boa parte do trabalho final.

4. Relato do processo de interação jornalista – fontes de informação

Como já foi visto o trabalho de apuração da reportagem envolve etapas, tempo, planejamento por parte do jornalista e um dos atores principais desse processo de elaboração, construção e aprofundamento do tema escolhido são as fontes de informação. Não se pode esquecer que as fontes são uma das principais ferramentas do trabalho jornalístico.

Segundo Jorge Pedro Sousa (2001, p.62), “toda e qualquer entidade que possua dados susceptíveis de ser usados pelo jornalista no seu exercício profissional pode ser considerada uma fonte de informação. Existem vários tipos de fontes: humanas,

⁴ “(...) A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. Tais gêneros existem antes de tudo em todos os gêneros mais multiformes da comunicação oral cotidiana, inclusive do gênero mais familiar e do mais íntimo” (BAKHTIN, Mikhail, 2003, p.282).

documentais, eletrônicas, etc.”. Para o autor as fontes de informação são um capital imprescindível ao jornalismo e aos jornalistas, ainda diz que não haveria investigação jornalística sem as fontes.

O capítulo em questão busca mostrar como foi o processo de interação entre os jornalistas dos livros-reportagem com os quais esta pesquisa trabalha e com as fontes que eles se utilizaram para o desenvolvimento da reportagem. Também se entende que o jornalista está trabalhando o tempo inteiro em cima do discurso das fontes, é o dialogismo na sua mais pura essência. A seguir os relatos dos jornalistas ou de comentadores ajudam a corroborar com este pensamento.

No livro “A primavera do dragão” de Nelson Motta e no livro “Abusado” de Caco Barcellos, os jornalistas relatam respectivamente, que,

(...) depois das conversas iniciais com dona Lucia, entrevistei a primeira mulher e musa de Glauber, Helena Ignez, seu mestre Nelson Pereira dos Santos, seus amigos e parceiros Cacá Diegues, Luiz Carlos Barreto, Luiz Carlos Maciel. Luiz Augusto Mendes, Paulo César Saraceni e o diplomata Arnaldo Carrilho, que participaram intensamente da vida de Glauber nesse período e testemunharam a explosão de seu talento e a sua trajetória fulgurante. Achei a caixa empoeirada com todas as minhas fitas e depoimentos transcritos. Vários entrevistados, como Calazans Neto, Roberto Pires e Gugu Mendes, já tinham ido. Mas, estava tudo lá (**Orelha do livro**).

Também foi de grande valor a contribuição dos amigos e parentes dos traficantes dos morros do Turano, Vidigal, Pavão-Pavãozinho, Cantagalo e Rocinha. Eles abriram suas portas para mim em alguns momentos de perigo e se dispuseram a contar suas histórias, muitas vezes durante a madrugada, pessoalmente ou por telefone, mesmo sob forte perseguição policial. (**Agradecimentos**, p.9).

Percebe-se que são as conversas com as fontes que dão ao jornalista respaldo para prosseguirem com o seu trabalho, é durante as entrevistas que eles têm uma noção do que de fato podem abordar sobre o tema ou não, é neste momento que o jornalista percebe se sua pauta segue em frente ou se tem que fazer algumas modificações. Além da realização de entrevistas pessoalmente, elas também podem ser feitas por *e-mail*, via telefone ou por meio de vídeos.

Na explicação do livro “A ditadura envergonha” de Elio Gaspari que confirma este pensamento dizendo “somam cerca de duzentas as pessoas com as quais busquei informações ao longo de dezoito anos. Algumas em demoradas conversas, outras em telefonemas breves” (p.16). No posfácio do livro “Abusado” de Caco Barcellos também

diz: “Conversamos quatro vezes por telefone durante o período de três anos em que estive preso. Foram conversas longas, como sempre” (p.557).

Neste processo de entrevista, uma boa relação entre fontes de informação e jornalista é de fundamental importância para o bom funcionamento da reportagem, mas tudo dentro de uma relação profissional. Jorge Pedro Sousa (2001, p. 65) confirma este pensamento dizendo:

O jornalista especializado que cultiva determinadas fontes de informação deve ter cuidado para não se envolver demasiado em relações problemáticas de amizade que podem criar dificuldades à atividade jornalística e mesmo à atividade da fonte. Pelo menos, deve ficar claro aos olhos do jornalista e da fonte que uma coisa são as relações profissionais e outra são as relações de amizade. O conhecimento que um jornalista tenha da fonte também não deve passar para o enunciado jornalístico.

É preciso também que haja uma relação de confiabilidade entre as partes, as fontes precisam confiar no jornalista e vice-versa para não ter adulteração tanto na informação dada quanto nos dados recebidos. Sousa (2001, p. 64) ainda diz “as informações que uma fonte disponibiliza ao jornalista devem ser enquadradas e tratadas sem adulteração, mas também devem ser por princípio, verificadas”.

Essa relação de confiança é importante porque algumas informações cedidas são pessoais, outras comprometem quem fala, outras trazem à tona recordações não tão agradáveis, algumas podem ser denúncias e é nesta hora que entra o papel “ético” dos repórteres. É válido dizer que nenhuma fonte é desinteressada, assim como nenhum jornalista também é desinteressado, ambas as partes têm interesses nas informações. Sousa ainda diz que “a relação entre as fontes humanas de informação e os jornalistas é, muitas vezes, uma relação de luta ou de negociação. As fontes tentam sempre divulgar o que lhes interessa e omitir o que não lhes interessa” (2001, p.65).

O jornalista Jon Krakauer, ao escrever “No ar rarefeito” relata que a interação dele com as fontes de informação foi bastante delicada, pois, as pessoas ao falarem com ele reviveram de certa forma àquela tragédia.

Várias pessoas que estiveram no Everest em maio passado disseram-me que conseguiram superar a tragédia (**Epílogo**, p.277).

O Everest parece ter envenenado muitas vidas. Houve relacionamentos rompidos. A mulher de uma das vítimas foi hospitalizada, com depressão. Quando falei pela última vez com certo companheiro, sua vida estava em turbilhão. Ele contou que a dificuldade em lidar com os efeitos da expedição estava ameaçando seu casamento. Não conseguia se concentrar no trabalho e estava recebendo insultos e censuras de estranhos. Conversei com Beidleman depois de já termos os dois passado pelo período de adaptação e ele se

lembrou de como foi estar lá no colo sul, com seu grupo, naquele vento terrível, tentando desesperadamente manter todos vivos (**Epílogo**, p. 281-2).

García Márquez em “Notícia de um sequestro” também relata seu incômodo ao ter que fazer suas fontes lembrarem o que haviam passado, mas também narra a coragem que as falas delas proporcionaram a ele.

Entrevistei todos os protagonistas que pude, e em todos encontrei a mesma disposição generosa de perturbar a paz de sua memória e reabrir para mim as feridas que talvez quisessem esquecer. Sua dor, sua paciência e sua raiva me deram a coragem para persistir nesta tarefa outonal, a mais difícil e triste da minha vida. Minha única frustração é saber que nenhum deles encontrará no papel nada além de um pálido reflexo do horror que padeceram na vida real. Sobretudo as famílias das duas reféns mortas – Marina Montoya e Diana Turbay – e em especial a mãe de Diana, dona Nydia Quintero de Balcázar, cujas entrevistas foram para mim uma experiência humana dilacerante e inesquecível (**Gratidões**, p.5).

No livro “Na natureza selvagem” também de Jon Krakauer, de acordo com o relato dele, essa relação de confiança entre fonte e jornalista foi de essencial importância para o trabalho, ele narra:

Teria sido impossível escrever este livro sem o auxílio considerável da família McCandless. Sou profundamente grato (...). Eles me deram pleno acesso aos papéis, cartas e fotografias de Chris e conversaram extensamente comigo. Nenhum membro da família tentou exercer controle sobre o conteúdo ou orientação do livro, apesar de saber que seria extremamente doloroso ver impresso algum material. À pedido da família, 20% dos royalties gerados pelas vendas do livro serão doadas para uma bolsa de estudos em nome de Chris (**Agradecimentos**, p.212).

Sobre esse processo de entrevistas, a autora Cremilda Medina fala da importância dessa relação entre fonte e jornalista ser bem sucedida a partir daquilo que a autora chama de diálogo possível⁵. Ela entende que esse processo de entrevista tem que ser algo que deve ir além de uma relação entre entrevistador/objeto. Ela afirma que tem que ser uma relação entrevistador/entrevistado. Ainda diz:

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado – entrevistador – não atinge os limites

⁵ Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista (...). Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU (...). Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível (MEDINA, 2008, p.7).

possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo (2008, p.5).

No trecho do livro “Olga” é perceptível que a relação entre Fernando Morais e seus entrevistados era uma relação de confiança, e que sua entrevista ultrapassou os limites de uma relação somente de entrevistador/fonte. “Um leitor (...) sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador”.

Não me esquecerei jamais das lágrimas que a entrevista arrancou dos olhos de Gabor Lewin, já velhinho, em cuja casa esvaziamos juntos, a dez graus abaixo de zero, uma garrafa de conhaque francês. Quando perguntei se se confirmava a lenda de que Olga despertava paixões fulminantes em seus companheiros da Juventude Comunista, Lewin pôs-se a chorar (**Apresentação à 1ª edição**, p.11).

A entrevista acima demonstra o quanto o jornalista teve uma boa relação com esse entrevistado, houve emoção, confiança e credibilidade, aconteceu o que Cremilda Medina chama de diálogo possível.

Os jornalistas não obtêm informações somente por meio de fontes humanas, eles também usam como dados as fontes documentais. O repórter Zuenir Ventura no livro “1968: o ano que não terminou” relata que “nesse quase um ano de trabalho, muitos foram os empréstimos, doações e indicações – de revistas, jornais, discos e livros raros” (**Agradecimentos**, p.14). Ainda se utilizando de fontes documentais, os escritores também fazem diversas pesquisas que os ajudam no desenvolvimento da reportagem. John Hersey em “Hiroshima” narra:

No jornalismo literário o trabalho de uma matéria toma semanas ou meses, incluindo o tempo gasto lendo temas relacionados com economia, psicologia, política, história e ciência. Jornalistas literários fazem anotações elaboradas retendo as palavras das citações, a sequência dos eventos, detalhes que mostram a personalidade, a atmosfera e o conteúdo sensorial e emocional. Nós temos mais tempo do que é permitido aos jornalistas que escrevem diariamente, temos mais tempo para uma segunda avaliação e para repensar as primeiras reações (**Posfácio**, p.171).

Ainda há também aqueles jornalistas que não utilizam o gravador para a realização de entrevistas por acreditarem que isso prejudica de certa forma a espontaneidade dos entrevistados. Matinas Suzuki Jr. autor de um paratexto do livro “A sangue frio” do jornalista Truman Capote diz que o autor,

(...) sem gravador ou bloco de notas, munido apenas de sua prodigiosa memória e de um talento excepcional para observar detalhes, escarafunchar informações e, sobretudo, contar uma boa história, Capote produziu um clássico do jornalismo literário (**Orelha do livro**).

Capote entrevistou por longo tempo um grande número de pessoas sem fazer anotações ou gravá-las. Segundo ele, a anotação e a gravação prejudicam o tempo dedicado à observação dos personagens e do ambiente, e intimidam os entrevistados, que perdem a naturalidade e deixam de fazer revelações importantes (**Posfácio**, p.428).

Capote, depois acertava lá por volta dos 95% do texto. Era sua maneira de dispensar o uso do odioso gravador, talvez o maior inimigo do bom jornalismo (**Apresentação**, p.10).

Portanto, viu-se que este processo de entrevista é de fundamental importância para o desenvolvimento da reportagem, seja ela de forma negativa ou positiva. A interação entre fonte e jornalista também é definitiva para o trabalho, pois essa relação não é possível conseguir certas informações, às vezes as mais preciosas.

Aqui também, percebe-se o quão dialógica é a atividade jornalística, pois as fontes são base para as reportagens, e os jornalistas estão sempre se baseando nesses discursos, portanto, estão acontecendo o tempo as trocas entre enunciados, ou seja, o dialogismo.

Além deste processo de interação fonte- jornalista, os repórteres também, atribuem a seus trabalhos certos valores que vão definir o modo como eles encaram o processo de reportagem.

5. Estatuto epistemológico atribuído ao trabalho de reportagem

A proposta deste capítulo é mostrar como os próprios jornalistas falam sobre o trabalho de reportagem, fazendo uma relação com as teorias jornalísticas e mostrar de que forma os autores falam sobre o conhecimento produzido por eles, se é que eles enxergam o jornalismo como uma profissão que produz algum conhecimento.

Mas, primeiramente vamos responder a seguinte pergunta: “O que é jornalismo?” segundo a visão de alguns teóricos. O autor Nelson Traquina diz:

Poeticamente podia-se dizer que o jornalismo é a vida, tal como ela é contada nas notícias de nascimentos e de mortes (...). É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia (...). Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isto

inclui praticamente a vida, o mundo e o *outerlimits*. Os jornalistas responderiam prontamente, como define a ideologia profissional desta comunidade, que o jornalismo é a realidade. Há verdade nesta afirmação (p.19).

Já Adelmo Genro Filho diz que o jornalismo é uma “forma social de conhecimento, historicamente condicionada pelo desenvolvimento do capitalismo, mas dotada de potencialidades que ultrapassam a mera funcionalidade a esse modo de produção” (p.3). O autor ainda diz:

(...) o jornalismo, (...) é a cristalização de uma nova modalidade de percepção e conhecimento social da realidade através da sua reprodução pelo ângulo da singularidade. Essa reprodução é um processo que tem uma base histórica objetiva e subjetiva (...) (p. 119-20).

Para este teórico, o jornalismo é uma espécie de arte da análise do tempo e das ações práticas humanas no espaço, sob o prisma do diferencial, da essência, da motivação verdadeiramente edificadora e resultantemente, construtora da verdade. No contexto de Adelmo, o jornalismo não deveria ter amarras. Ele é cívico, educativo provocador e elucidatório. Em outras palavras, uma força intelectualizada em defesa das vozes sufocadas. Sempre à serviço da coletividade e do bem comum. Eduardo Meditsch já diz que o jornalismo

Ao se deixar de considerar apenas como um meio de comunicação para considerá-lo como um meio de conhecimento, estará se dando um passo no sentido de aumentar a exigência sobre os seus conteúdos. Conhecimento implica em aperfeiçoamento pela crítica e requer rigor (p.13).

Logo, muitas são as teorias para definir o que é o jornalismo, mas o objetivo não é discorrer a respeito disso, as teorias expostas acima servem para dar subsídios para a discussão a seguir. Nas análises feitas o que se percebeu foi que os jornalistas pensam a prática de reportagem de forma variada, outros refletem de um jeito bastante parecido. A seguir estão as ideias mais recorrentes percebidas ao longo dos paratextos utilizados.

Alguns dos autores entendem este processo como algo que reflete a realidade de maneira correta e imparcial. Fernando Morais, autor do livro “Olga” e Jon Krakauer autor do livro “No ar rarefeito” relatam respectivamente que

(...) não é a (...) versão sobre a vida de Olga Benario ou sobre a revolta comunista de 1935, mas aquela que acredito ser a versão real desses episódios. Não vai impressa aqui uma só informação que não tenha

sido submetida ao crivo possível da confirmação. Embora a responsabilidade por tudo o que você vai ler agora seja exclusivamente minha, eu devo este livro à colaboração generosa dos entrevistados (**Apresentação à 1ª edição**, p.15-6).

Meu artigo deixou irritadas muitas pessoas sobre as quais escrevi e magoou amigos e parentes de algumas das vítimas do Everest. Lamento sinceramente que isso tenha ocorrido, não era meu objetivo fazer mal a ninguém. Minha intenção no artigo, e em muito maior grau neste livro, foi contar o que aconteceu na montanha da forma mais correta e honesta possível, fazendo-o de maneira sensível e respeitosa. Acredito com firmeza que essa é uma história que precisa ser contada (**Nota do autor**, p.283).

Os relatos dos autores nos faz perceber que eles encaram o processo de reportagem como algo que conta os fatos de forma verdadeira e fiel aos acontecimentos. Esta descrição se relaciona com uma das teorias mais antigas do jornalismo, a teoria do espelho onde a notícia produzida reflete a realidade e o jornalista tem a tarefa de apresentar as notícias de forma imparcial e neutra. Sobre esta teoria o autor Felipe Pena (2008, p.125) diz que

(...) sua base é ideia de que o jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano.

Essa teoria é a mais criticada, pois há controvérsias quando se diz que a notícia é a retratação fiel do fato e que o jornalista é totalmente desinteressado e consegue fazer uma notícia sem emitir opiniões pessoais. Ambos os autores dos paratextos em discussão defendem a ideia de que a profissão exercida por eles tem essa capacidade de refletir a realidade do modo como ela está posta, sem passar pelos filtros pessoais. É este conceito que ele atribui ao próprio trabalho. O autor Nelson Traquina (2005, p.149) ainda vai dizer que este valor atribuído ao trabalho jornalístico

(...) defende uma relação epistemológica com a realidade que impede quaisquer transgressões de uma fronteira indubitável entre realidade e ficção (...). O *ethos* dominante, os valores e as normas identificadas com um papel de árbitro, os procedimentos identificados com o profissionalismo, faz com que dificilmente os membros da comunidade jornalística aceitem qualquer ataque à teoria do espelho porque a legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes na crença social de que as notícias refletem a realidade, que os jornalistas são imparciais devido ao respeito às normas profissionais e asseguram o trabalho de recolher a informação e de relatar os fatos, sendo simples mediadores que ‘reproduzem’ o acontecimento na notícia.

Felipe Pena (2008, p.126) ainda diz que até hoje a comunidade jornalística defende esta teoria porque ela dá legitimidade e credibilidade aos jornalistas, tratando-os como imparciais no exercício de suas profissões.

É válido dizer que segundo o dialogismo, não existe sujeito isento de opiniões, logo a possibilidade de fazer textos sem colocar neles sua subjetividade é tarefa difícil e até mesmo impossível. Fiorin (2008, p.25) diz que: “A subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito”. E sobre o sujeito, este diz: “(...) não é assujeitado, ou seja, submisso às estruturas sociais”. Ou seja, o sujeito vai se construindo em relação com os outros, ele constrói sua forma individual de pensar e se expressar de maneira única, como o próprio Bakhtin afirma: “(...) cada ser humano é social e individual”.

Existe outra teoria jornalística que vem corroborar com este pensamento de que o jornalista ou o sujeito constrói suas relações e discursos com bases em outros, logo ele não é um ser imparcial. A teoria do *newsmaking* diz que,

(...) o jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade. Dessa forma, é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que, submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. (...), a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la (PENA, 2008, p.128).

Esta é uma teoria hegemônica e que tem mais adeptos. O jornalista elabora relatos sobre a realidade e tem liberdade parcial. A proposta do *newsmaking* é pensar a notícia como produto industrial, que depende de inúmeros fatores. Quem constrói a notícia não é o jornalista como indivíduo, mas o conjunto de processos produtivos. Ela pensa a notícia dentro da rotina produtiva e como uma forma de construção social.

O jornalista Jon Krakauer nos paratextos dos livros “No ar rarefeito” e “Na natureza selvagem”, respectivamente relata sobre o processo de reportagem dependendo sempre dos fatores produtivos aos quais ele está exposto tanto como jornalista quanto como indivíduo e de como a imparcialidade não existe.

Alguns dias depois que o artigo para a *Outside* foi impresso, descobri que alguns detalhes por mim narrados estavam errados. Eram enganos de pouca importância, a maioria deles do tipo que inevitavelmente acontece no jornalismo. Contudo, um de meus enganos foi mais significativo, tendo um impacto devastador nos amigos e na família de uma das vítimas (**Introdução**, p.10).

Não tenho pretensão de ser biógrafo imparcial. A estranha história de Maccandless tocou-me pessoalmente de tal forma que tornou impossível um relato desapaixonado da tragédia (**Nota do autor**, p.10).

O jornalista Sérgio Dávila, no posfácio do livro “O super-homem vai ao supermercado” de Norman Mailer e Elio Gaspari em “A ditadura escancarada” respectivamente relatam este processo como algo que não pode deixar de ser inerente ao próprio jornalista, então eles falam que,

Sem abrir mão de seu estilo sinuoso, impregnado de ironia e repleto de referências literárias, o escritor traça um retrato implacável da vida política e do imaginário norte-americanos numa década marcada pela guerra do Vietnã, pelo recrudescimento dos conflitos raciais (...) (**Orelha do livro**).

A argúcia crítica não impede que Mailer se insira como personagem no centro dos acontecimentos, falando de si ora na primeira pessoa, ora na terceira (“o repórter”). É sempre do seu ponto de vista, sem o disfarce da falsa objetividade jornalística, que os eventos são narrados. São textos sui generis, que abolem os limites entre a ficção e a reportagem e se sustentam como obras literárias tão perenes quanto os romances mais memoráveis do autor (**Orelha do livro**).

Nas páginas que vão adiante, estão os dois. Se nelas há mais do que do chumbo do que do milagre, isso se deve à convicção do autor de que a tortura e a coerção política dominaram o período. A tortura envenenou a conduta dos encarregados da segurança pública, desvirtuou a atividade dos militares da época, e impôs constrangimentos, limites e fantasias aos próprios governos ditatoriais (**Explicação do livro**).

Já o próprio Norman Mailer diz que este processo de reportar algo, também cobra do jornalista rapidez e, sobretudo, ‘a verdade’.

A matéria é despejada com aveia numa esteira transportadora, e o inconsciente recebe um golpe brutal. Escrever só tem utilidade para a psique se o escritor descobre no próprio ato da escrita algo que ele não sabia que já sabia. É por isso que uns poucos homens vão até o inferno com o intuito de continuar escrevendo (**Prefácio**, p.14).

Pense no pobre repórter que não tem o tempo ocioso do romancista ou do poeta para descobrir o que pensa. O inconsciente desiste, se enterra, deixa o escritor com seus clichês, e preserva a verdade, ou aquela parte da verdade que o repórter ainda tem o privilégio de encontrar, para seus colegas e amigos. Um bom repórter é um homem que ainda deve conseguir contar a verdade a você em particular; tem olhos sérios e brilhantes e é capaz de narrar dez boas histórias seguidas num balcão de bar (**Prefácio**, p.14).

Diferente de Norman Mailer, Truman Capote em “A sangue frio” busca a objetividade, procurando se isentar de certos comentários, é isso que diz Matinas Suzuki, um dos comentadores desta obra.

Como no texto jornalístico que se pretende objetivo, Capote evitou cuidadosamente evidenciar o autor da narrativa, esquivando-se das interpretações e dos comentários, (...). Capote: “Acredito que, para a forma do romance de não-ficção ser inteiramente bem-sucedida, o autor não deve aparecer na obra” (**Posfácio**, 428-9).

Outra teoria jornalística que merece ser mencionada aqui é a do *Gatekeeper*. Esta teoria diz que o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias ou de pautas tem de passar por diversos *Gates* (portões) que não são mais que áreas de decisão em relação às quais o jornalista ou o editor tem que decidir de forma arbitrária o que vai ser publicado. Diz também que a rotina produtiva vai alterar as escolhas feitas pelo repórter. Pena, (2008, p.132) teoriza dizendo que

O *gatekeeper* é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal (...). O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se bloqueia. Ou seja, diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícia aqueles que passam por uma cancela ou portão. E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador.

Felipe Pena ainda diz que estudos posteriores sobre esta teoria chegaram à conclusão que as decisões do *gatekeeper* estavam mais influenciadas por critérios profissionais ligados às rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade do que por uma avaliação individual de noticiabilidade (PENA, 2008, 134).

Os autores dos livros-reportagem em análise relatam de que forma esse processo de seleção implica consideravelmente no resultado dos trabalhos de reportagens. O autor Jon Krakauer em “No ar rarefeito” relata que

Apenas um pouco menos desconcertante do que os erros factuais do artigo foi o material que se teve de omitir por falta de espaço. Mark Bryant, o editor da *Outside*, me deu um espaço extraordinário para contar a história: eles publicaram o artigo com 17 mil palavras. Mesmo assim, senti que fora abreviado demais para fazer justiça a tragédia (**Introdução**, p.10).

Norman Mailer autor de “O super-homem vai ao supermercado” confirma que o editor é um dos portões por onde o material a ser publicado passa e de quão delicada é

essa relação chegando muitas vezes a influenciar o modo de comportamento do jornalista.

Suas tentativas juvenis de procurar o espírito de um evento foram decapitadas anos atrás na mesa do editor de texto; desde então ele⁶ foi adestrado a buscar fatos, ainda que invariavelmente os compreenda mal. É sutilmente incentivado, quando trabalha numa matéria, a depender de tudo, menos da sua escrita. É por isso que poucos repórteres escrevem bem. O repórter se sustenta num poder impotente – sua voz, diretamente ou por intermédio da mesa do editor, atinge milhões de leitores; quanto mais leitores ele tem, menos pode dizer. É proibido por uma centena de censores, a maior parte dentro dele próprio, de comunicar noções que não sejam resignadamente simples (...) (**Prefácio**, p.12-3).

As opiniões acerca deste processo de reportagem, falando do trabalho por completo, no que envolve seleção de pautas, entrevistas, a construção acerca do tema, apuração até o resultado final é muito divergente para os jornalistas. Eles falam sobre o ser jornalista, sobre a ética jornalística, sobre a importância de confirmar aquilo que eles estão publicando, às vezes a experiência profissional conta muito e também dizem que todo jornalista precisa de um pouco de sorte. Norman Mailer em “O super-homem vai ao supermercado” relata que

Desde que Tom Wolfe começou a escrever, em interesse próprio, aqueles panegíricos ao Novo Jornalismo, tornou-se um reflexo literário automático apontar os textos sobre convenções aqui editados como espécimes da nova arte, e é possível que eu tenha recebido mais aplausos como “novo jornalista” do que jamais recebi como romancista. Isso é uma ironia que me incita a remar contra a corrente: nunca trabalhei como jornalista, e não gosto dessa profissão. É um modo promíscuo de ganhar a vida (**Prefácio**, p.11).

Já Zuenir Ventura em “Chico Mendes: crime e castigo” diz

A experiência profissional e existencial que resultou nesta série de reportagens me ensinou muito do Brasil, do Acre e de como, até já velho, a gente aprende no jornalismo. Essa tensão de “foca”, diante de cada desafio, esse estresse que, como o colesterol, pode ser bom, talvez constitua o grande segredo da profissão, que é um interminável exercício de aprendizado e descoberta. Não existe repórter pronto. Ele é um processo, uma construção, uma obra imperfeita, inacabada (p.12).

Quando os jornalistas vão reportar acontecimentos aos quais eles presenciaram por vezes eles se utilizam da escrita como uma espécie de catarse para suas angústias e

⁶“Ele” está se referindo ao jornalista ou aos jornalistas de forma mais genérica.

demonstram que confiar apenas nas informações de suas mentes não é o mais indicado. Aqui se volta à discussão de como é importante ouvir os ‘dois lados’ ou quantos lados tiver uma história. O jornalista Jon Krakauer no livro “No ar rarefeito” e Matinas Suzuki Jr, comentador do “Hiroshima” relatam, respectivamente, que

(...) a impressionante falta de confiabilidade na mente humana a grandes altitudes tornou a pesquisa problemática. Para não me fiar apenas em minhas próprias impressões, entrevistei longamente a maioria dos protagonistas e em várias ocasiões. Sempre que possível, confirmei os detalhes com os registros das transmissões de rádio mantidos pelo pessoal alojado no acampamento-base, onde ainda havia lucidez de pensamento. Os leitores familiarizados com o artigo da *Outside* notarão discrepâncias entre certos detalhes (sobretudo em relação às horas) narrados na revista e os reproduzidos no livro; as revisões refletem novas informações que vieram à luz após a publicação do artigo (**Introdução**, p.10).

Reconheço que os leitores em geral saem perdendo quando um autor escreve como um ato de catarse, como eu fiz aqui. Mas eu esperava que pudesse obter algo mais ao desnudar minha alma na turvação e no calor do momento, logo após a calamidade. Queria que meu relato tivesse uma espécie de honestidade crua, impiedosa, que talvez me escapasse com a passagem do tempo e a dissipação da angústia (**Introdução**, p.11).

Hiroshima é um exemplo de que ninguém, nem mesmo John Hersey, faz grande jornalismo sozinho. Ele teve cúmplices editoriais (...). Alguns autores colocam ainda a necessidade de preservar a ética jornalística e de haver uma preocupação esmerada com a correção factual (p.171).

A maneira como os jornalistas expõem a profissão deixa claro que ser jornalista não é tarefa fácil e ‘esconder’ essa realidade não está entre uma das alternativas dos jornalistas mais experientes. Ao relatarem que lidar com fontes não é tarefa fácil, que esperar por horas ou meses por uma resposta que talvez nunca venha e que às vezes o único investimento que o jornalista faz é na perda de tempo, que apurar certas informações pode durar anos, que jornalista também sofre perseguições eles estão expondo a conceituação sobre o valor da própria profissão na vida deles. Caco Barcellos em “Abusado” descreve de maneira contundente o que foi dito acima.

Em nenhum momento da investigação deste livro *sofri alguma pressão da quadrilha ou de outros personagens. Omiti alguns nomes para evitar intriga, perseguição ou punições judiciárias aos que me confiaram seus segredos. Usei o mesmo critério para quem vivia fora do morro, criminosos ou trabalhadores, gente honesta ou não. Optei*

por usar os codinomes ou apelidos conhecidos dos mais íntimos como forma de *contar as histórias de crimes sem precisar mutilar a verdade*. Durante os *quatro anos de produção do livro*, muitos deles foram presos, torturados, mortos sempre de forma brutal. A experiência reforçou meu repúdio à cultura da punição perversa, contra quem já nasceu condenado a todas as formas de injustiça (**Nota do autor**, p.11, grifos meus).

Diante do exposto é perceptível que por mais que os jornalistas atribuam valores diferentes a esta profissão alguns conceitos são comuns a todos eles como, por exemplo, a objetividade, o ouvir os dois lados, ter cuidados em receber e dar informações. E por fim Fernando Marais em “Olga” diz que “(...) ao repórter, como ao goleiro, não basta trabalhar direito é preciso ter sorte. Eu tive e muita” (**Apresentação à 1ª edição**, p.13).

Os autores relatam sobre as dificuldades acerca desta profissão, mas em nenhum momento falam sobre o valor que eles, enquanto jornalistas atribuem a própria profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da pesquisa foi verificar como a prática de reportagem é caracterizada em elementos paratextuais de vinte livros-reportagem publicados no Brasil. Tinha como objetivos específicos verificar quais são os critérios que o autor usa para escolher os temas, identificar como o autor elabora, constrói e aprofunda seu conhecimento sobre o assunto trabalhado; constatar como o jornalista relata seu processo de interação com as fontes de informação e por fim verificar o estatuto epistemológico que o jornalista atribui ao trabalho de reportagem.

O principal aporte teórico da pesquisa foi o dialogismo, que guiou as relações feitas entre a própria teoria e o relato dos repórteres. No caso do primeiro objetivo, que buscou entender quais os critérios utilizados pelos jornalistas para escolherem esses temas e não outro se teve grande facilidade para discorrer sobre as escolhas feitas por eles, pois os relatos estavam presentes em quase todos os paratextos.

A forma de elaborar a pauta, construir e se aprofundar nos assuntos escolhidos também foram simples, pois os métodos utilizados não são tão diferentes dos usados no dia-a-dia, a diferença está no tempo da apuração. O modo de lidar com as fontes foi outro relato importante para a pesquisa, pois foi aqui que os jornalistas expressaram que essa relação é convergente, divergente, irritante, emotiva, perigosa, desastrosa e que por

muitas vezes o jornalista precisa ter “faro” jornalístico para não ser enganado por suas fontes de informação.

O último capítulo não foi concluído da maneira esperada, pois se tinha como objetivo mostrar como os jornalistas relatam sobre o conhecimento produzido pelo jornalismo e não há relatos explícitos sobre isso. O que se conseguiu foi fazer uma relação entre as vozes dos repórteres com algumas teorias jornalísticas, mostrando que alguns destes escritores veem sua profissão como uma verdade absoluta, uns estão convencidos de que a rotina de trabalho vai sempre influenciar de forma positiva ou negativa e outros ainda tem na figura do editor alguém que filtra suas escolhas, enquanto que o único *gatekeeper* quando se fala em livro-reportagem são os próprios autores.

Inicialmente o *corpus* da pesquisa foi montado por vinte livros-reportagem e depois trabalhamos somente com quinze, pois nem todos os livros selecionados continham paratextos e outros tinham, mas não traziam nenhuma informação pertinente à pesquisa.

Portanto, conclui-se que os jornalistas são as pessoas mais indicadas para falar sobre o trabalho de reportagem e pouco se sabe sobre esse processo por meio de um relato deles que vivem ou viveram nesta profissão diariamente. Procurou-se mostrar a forma que os repórteres enxergam o trabalho deles e qual o valor que eles atribuem a isso, de forma esses relatos possam auxiliar no conhecimento e em futuras produções de jornalistas profissionais, estudantes e focas.

Referências

ALVARADO, Maite. **Paratexto**. Edición del Instituto de Lingüística. Facultad de Filosofía y Letras. Cátedra de Semiología, CBC, UBA, 1994.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal – 4ª ed-** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

____ (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CATALÃO JR, Antônio H. **Jornalismo *best-seller*: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: UNESP, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Ed. Original. Porto Alegre: tchê, 1987.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível – 5.ed.** São Paulo: Ática, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso**. Porto, 2001.

TALESE, Gay. **Vida de escritor-** São Paulo: Companhia das letras, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2ed.,2005.

Referências do *Corpus*

BARCELLOS, C. **Rota 66**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Abusado**: o dono do Morro Dona Marta. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008-a.

CALDEIRA, J. **Mauá**: empresário do império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAPOTE, Truman, 1924-1984. **A sangue frio**/ relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências/ – São Paulo: Companhia das letras, 2003.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, 1928- **Notícia de um sequestro**/ tradução de Eric Nepomuceno. – 3ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2011.

GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002-a.

HERSEY, John, 1914-1993. **Hiroshima**; tradução HildegardFeist – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito: um relato de tragédia no Everest em 1996**/ Jon Krakauer – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Na natureza selvagem**/ Jon Krakauer; tradução Pedro Maia Soares. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAILER, Norman, 1923- **O super-homem vai ao supermercado: convenções políticas** (1960-68) tradução José Geraldo Couto, Sérgio Dávila. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MORAIS, Fernando. **Olga**/ Fernando Morais. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MOTTA, Nelson. **A primavera do dragão**/ Nelson Motta. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes: crime e castigo: quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta**/ posfácio Marcos Sá Corrêa. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

____. **1968: o ano que não terminou**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

Cronograma das atividades de pesquisa

| Nº | Descrição | Ago 2012 | Set | Out | Nov | Dez | Jan 2013 | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul |
|----|---|-------------|-----|-----|-----|-----|-------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| 01 | Pesquisa bibliográfica | R | R | R | | | | | | | | | |
| 02 | Análise do corpus, visando identificar os elementos paratextuais e classifica-los. | | | R | R | R | | | | | | | |
| 03 | Análise dos elementos, identificando os critérios usados para a escolha do tema, procurando entender como os autores aprofundam seus conhecimentos acerca do assunto. | | | | | R | R | | | | | | |
| 04 | Elaboração do relatório parcial de pesquisa | | | | | R | R | | | | | | |
| 05 | Identificação dos relatos do processo de interação (fonte e jornalista). | | | | | | R | R | R | | | | |
| 06 | Verificação do estatuto epistemológico que o jornalista atribui ao seu próprio trabalho. | | | | | | | | R | R | R | | |
| 07 | Elaboração do relatório final de pesquisa | | | | | | | | | | | R | R |
| 08 | Preparação da apresentação final para o congresso. | | | | | | | | | | | | X |

LEGENDA: R (realizado)/ X (a ser realizado)

